

ALVINHO E A COISA

Ruth Rocha



© Caco Galhardo

Resenha

O avô de Alvinho morava em uma casa grande e antiga, de dois andares, em que também havia um porão “onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer”. Munido de uma lanterna, o menino resolveu descer ao porão em busca de seus patins desaparecidos, quando se defrontou com uma visão assustadora: a de um fantasma de cabelo vermelho com uma luz forte saindo da barriga. Aos berros, subiu para o andar de cima pronto a relatar o que tinha acontecido aos outros membros da família – que, é claro, não acreditaram no garoto. Coube ao velho avô a tarefa de verificar com seus próprios olhos o que havia lá embaixo – acontece que também ele voltou em pânico. Foi então que a família começou a acreditar nos relatos de assombração: o tio Gumercindo foi verificar o que estava acontecendo e acabou se assustando também. Dona Julinha,



Coordenação:
Maria José Nóbrega

avô de Alvinho, teve então a ideia de, ao descer para o porão, abrir todas as janelas que encontrasse no caminho: descobriu que a fonte das imagens que tanto haviam intimidado os outros membros da família não passava de um espelho. Seu neto, filho e marido tinham sido intimidados pelo seu próprio reflexo.

Nesta nova edição, publicada pela editora Salamandra quase três décadas depois da primeira, as ilustrações ficam a cargo do cartunista Caco Galhardo. Com um enredo simples e bem-humorado, a autora revisita com leveza alguns dos elementos característicos da narrativa de horror – uma casa antiga e um porão com objetos que ninguém usa mais – para narrar uma história que nada tem de sobrenatural. Os fantasmas e aparições não passam, afinal, de ilusões de ótica. Como a psicanálise já nos diz, a gente muitas vezes se apavora com aquilo que mais se parece com a gente mesmo.



Depoimento

Por Micael Bretas,
escritor, radialista e pai

– É de medo?

A pergunta tem sido recorrente. Meu filho de quatro anos começou a perceber que existem histórias feitas para assustar, seja em filmes, séries ou livros. Aparentemente, é algo que prefere evitar. Sei que nem todas as pessoas são assim, minha filha adolescente, na idade dele, buscava maneiras de ter pesadelos. Já ele, não gosta de sentir medo.

Então, quando o Alvinho voltou correndo à sala dizendo que havia visto um monstro, o pequeno ligou o alerta. Será que esta é uma história de medo?

– Não, não é de medo.

Fui definitivo. Normalmente, eu evito dar a resposta pronta dessa forma, prefiro convidá-lo a

refletir. Pensando em retrospecto, talvez eu pudesse ter dito algo como “vamos ver se é de medo, vamos continuar lendo”. Mas não foi o que eu fiz.

O livro era *Alvinho e A coisa*, de Ruth Rocha, e estava muito claro que não era “de medo”. Os desenhos de Caco Galhardo são lúdicos, brincam com o estilo cartum. As cores são vivas, o protagonista é uma criança. São códigos claros para mim: trata-se de algo divertido, brincalhão. Mas é uma gramática que meu filho ainda não reconhece.

E mais do que isso, eu sabia que, se o pequeno não se sentisse seguro, ia ser mais difícil aproveitar a história. Talvez esse enfrentamento, essa insistência o ensinassem algo. No fim, acho que agi por instinto. Eu não queria que ele enfrentasse, queria ele se divertindo.

Na história, a família do Alvinho também o poupa de enfrentar a coisa. Depois que ele volta do porão, falando que viu um monstro, seu avô se



oferece para verificar. Quando o avô volta contando que ele também viu um monstro, quem se voluntaria é o tio. Quando o tio volta assustado, vai Dona Julinha, a avó. E é ela quem abre as janelas do porão e descobre que a coisa era só um espelho, e os outros tinham visto nada mais que seus próprios reflexos no escuro.

Então, todos se reúnem e dão risada dos sustos que tomaram. Iluminado, no meio de todas as outras coisas guardadas, o espelho não era nada assustador. O que faltava era o contexto. Meu pequeno deu risada, achou divertida a confusão. Para ele, também as coisas haviam ficado *mais claras*. E o livro parece saber da reação do leitor, porque termina dizendo: “Não ria, não. Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?”.

Para mim, o mais difícil da paternidade é o cálculo eterno entre o momento de soltar e o momento de segurar. Precisamos ensinar independência,

mas também precisamos proteger. Não existe fórmula, esta conta precisa ser feita e refeita constantemente. Naquele dia, eu protegi. Ofereci contexto. E a família amorosa do Alvinho também.

Meu filho quis ver como era um espelho no escuro. E foi. Segurando firme a minha mão.

Um pouco sobre a autora

Nascida em São Paulo, capital, em 1931, **Ruth Rocha** sempre viveu em São Paulo. Foi orientadora educacional e editora. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista *Cláudia*, em 1967. Em 1969 começou a escrever histórias infantis para a revista *Recreio*. Em 1976 teve seu primeiro livro editado. De lá para cá, publicou mais de cem livros no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas. Desde 2009 é autora exclusiva da Salamandra.



Da mesma autora e série

- ✖ *Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Wenceslau.* São Paulo: Salamandra.
- ✖ *Alvinho e os presentes de Natal.* São Paulo: Salamandra.
- ✖ *No caminho de Alvinho tinha uma pedra.* São Paulo: Salamandra.
- ✖ *O último golpe de Alvinho.* São Paulo: Salamandra.
- ✖ *Quando eu for gente grande.* São Paulo: Salamandra.
- ✖ *Você é capaz de fazer isso?* São Paulo: Salamandra.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✖ *Sete histórias para sacudir o esqueleto,* de Angela-Lago. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✖ *Mortina,* de Barbara Cantini. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✖ *O pequeno vampiro,* de Angela Sommer-Bodenburg. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✖ *O monstrinho medonhento,* de Mário Lago. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Olhe pela janela,* de Katerina Gorelik. São Paulo: Brinque-Book.

